

SAUDADES D'ALÉM MAR: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES
SOBRE A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO
ATRAVÉS DA REVISTA *LUSITANIA* (1929/1934)

Carla Mary S. Oliveira¹

À guisa de apresentação

"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!"
Fernando Pessoa, *Mar Portuguez*.

Louvar a "terrinha", cultivar as tradições, reviver a História da Nação Lusa, informar-se sobre o cotidiano das colônias africanas, sentir-se parte do "vasto império" português. A revista *Lusitania*, publicada no Rio de Janeiro entre 1929 e 1934, nos traz esse interessantíssimo painel, retratando a colônia portuguesa no maior centro urbano brasileiro à época, num período marcado por intensa eferescência política e social e, também, pela transição da Revolução de 30 e conseqüente consolidação do getulismo.

Mergulhar nas páginas de *Lusitania* significa, de imediato, travar contato com o universo de signos e significados que contribuíram para a construção do "ser" imigrante português no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30 do século XX. Significa começar a adentrar a *profunda trama de relações e convenções sociais que se sobrepuseram ao apenas "ser português"* para daí surgir a identidade de *ser imigrante português* nos trópicos da ex-posseção lusitana.

Creemos que este fenômeno, a *constituição de uma identidade coletiva específica*, encontrará, portanto, na revista *Lusitania* sua fonte privilegiada.

Entendendo que analisar o contexto da publicação desse periódico da colônia portuguesa é, na realidade, debruçar-se sobre *um fato cultural* na mesma acepção delineada por Geertz - ou seja, partindo-se do pressuposto de que não se pode estudar a cultura através de generalizações universalizantes, mas sim de particularidades em que se inter-relacionam a psique, a sociedade e o indivíduo (1973: 52-53) - estaremos somente nos aproximando da compreensão do que era *ser imigrante português* nas ruas cariocas do início do século. Desse modo, por mais que busquemos o sentido da identidade do imigrante d'além mar nas páginas de *Lusitania*, só a vislumbraremos de modo fugidivo, só o conseguiremos de forma incompleta: podemos, sim, avançar no entendimento do que significa a "cultura" seja ela de origem portuguesa ou não. Ainda lembrando as palavras de Geertz:

"Um dos fatos mais significativos a nosso respeito pode ser, finalmente, que todos nós começamos com o equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma espécie." (1973: 57)

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba - PPGS-UFPb (Campus I - João Pessoa).

E em que universo se inseria o leitor de *Lusitania*? Que espécie de vida ele vivia? Que tipo de olhar podemos lançar sobre ele?

De princípio, cabe destacar que o Rio de Janeiro era, logo no começo do século XX, uma efervescente capital de pouco mais de 800.000 habitantes, dos quais cerca de 25% eram de nacionalidade estrangeira e, desses, mais da metade eram portugueses². Tratava-se de uma metrópole que respirava ares de modernidade: Pereira Passos reformulara o centro da cidade com o “*bota-abaixo*”, expulsando para a periferia os trabalhadores pobres que antes habitavam os cortiços da área próxima ao cais do porto; Oswaldo Cruz lutava contra as doenças infecto-contagiosas que empestavam becos, ruelas, cortiços e riachos cariocas - o que também impulsionava a reorganização do espaço urbano da capital federal - ao mesmo tempo em que a classe média alta e endinheirada descobria Copacabana e Ipanema e começava a construir lá, “longe da imundície”, seus espaçosos sobrados decorados com arabescos *Art Nouveau*.

Isso tudo acontecia na primeira década do século XX. O Rio de Janeiro, contudo, começara a se tornar um pólo da colônia portuguesa ainda nos últimos anos do século XIX: a cidade recebeu um fluxo contínuo de imigrantes lusitanos, especialmente após 1890 (Chalhoub, 1986: 25). Ao enorme exército de mão-de-obra disponível formado por brasileiros - fossem eles brancos pobres, mestiços ou negros recém-libertos - somaram-se os portugueses que fugiam da grave crise econômica que se abatera sobre as terras lusitanas a partir de então.

O início da República em Portugal, em 1910, só fez aumentar a “debandada” para o Brasil. No entanto, ao invés de trabalhadores pobres e, na maioria das vezes, iletrados, os portugueses que começaram a aportar no Rio de Janeiro nos anos 10 eram da classe média: vinham para se fixar no Brasil, trazendo um pequeno capital financeiro ou cultural e com o objetivo expresso de se tornar empreendedores ou profissionais liberais. Na verdade, segundo Zuleika Alvim, no Rio de Janeiro “os portugueses dominaram os negócios de atacado e varejo mais do que outros imigrantes de qualquer nacionalidade” (1998: 285)³. O sonho desses imigrantes era bem diferente dos que haviam chegado anos antes, buscando enriquecer para, algum dia, retornar à *terrinha*. Esses novos filhos da Nação Lusa fugiam, também, das disputas políticas entre republicanos e monarquistas que passaram a agitar o país e, depois de 1914, da Grande Guerra que assolava a Europa, embora o montante total de portugueses emigrados para o Brasil, durante o conflito, seja bem menor do que o dos anos anteriores (Pereira, 1981).

² Dados do censo de 1900, na cidade do Rio de Janeiro: população total - 811.443; estrangeiros - 210.515; portugueses - 133.393 (Chalhoub, 1986: 24-26). O Rio de Janeiro abrigava, então, quase quatro vezes a população de São Paulo (239.820 habitantes) e Salvador (205.813), sessenta vezes a de Belo Horizonte (13.472), onze vezes a de Porto Alegre (73.647) e mais de sete vezes a população de Recife (113.106) (*Anuário estatístico do Brasil - IBGE, 1995*).

³ Mais que dominar o comércio no Rio de Janeiro, em 1920 cerca de 39,75% dos portugueses residentes no Brasil moravam naquela cidade: de uma população total de 1.157.873 habitantes na Capital Federal, 172.338 eram de origem lusitana (ver *Anexos, Tabela I, Tabela II e Tabela III*).



Fig. 1 - Capa do n° 81 de *Lusitania*
(1° de junho de 1932).

Foi essa conjuntura que deu subsídios para o surgimento de *Lusitania*. Formara-se no Rio de Janeiro, entre 1890 e 1929, uma sólida comunidade de imigrantes portugueses de classe média ⁴, acrescida de seus descendentes, quase sempre ligada ao comércio e que iria se constituir no universo cujas aspirações, concepções de mundo, convicções políticas e convivência social passou a ser retratado pela revista *Lusitania*, nos seus quase seis anos de existência.

Lusitania, que só começaria a ser editada no final dos anos 20, era uma revista feita *pela* e *para* a classe média dessa colônia. Seus leitores estavam interessados nos destinos políticos da Nação portuguesa mas, também, nos

⁴ Como qualquer comunidade de imigrantes estrangeiros no Brasil e na América em geral, a colônia portuguesa no Rio de Janeiro era formada, em sua grande maioria, por pessoas pobres que haviam fugido da miséria e da fome na Europa para encontrar, *além mar*, apenas um meio de continuar sobrevivendo e, não como haviam sonhado, a *Fortuna*. Foram poucos os que conseguiram amealhar algum patrimônio. Entre esses, estavam os leitores de *Lusitania*. De certa maneira, contudo, a possibilidade de enriquecer na América era uma idéia generalizada no imaginário da época, embora a realidade aqui fosse bem mais dura:

"(...) Desde el este, del sur, del oeste, atravesando el mar, los trabajadores llegaban [a Chicago] por cientos de miles: yanquis, rebeldes, alemanes, irlandeses, bohemios, judíos, eslavos, polacos, rusos, todos ellos hombres ansiosos que luchaban desesperados por echar dentro del estómago la comida que les permitierase seguir viviendo. Y parecía como si siempre fuese a haber dos hombres por cada empleo." (Howard Fast, citado por Garcés & Milos, 1989: 13-14).

jogos disputados por clubes de *football* como o Vasco da Gama e o Botafogo, nos bailes de carnaval, nas festas do Dia da Colônia, na leitura de artigos sobre a História de Portugal e de notícias sobre as colônias lusitanas espalhadas pelo mundo afora. Suas páginas eram feitas para informar mas também para, principalmente, entreter os portugueses bem sucedidos e suas famílias ⁵.

Um olhar sociológico sobre *Lusitania*

Apesar de ter tido importância considerável no que diz respeito à formação social, econômica e cultural do Brasil no século XX, a imigração de origem portuguesa só recentemente - especialmente nos últimos quinze anos - tem suscitado, de modo mais freqüente, pesquisas de cunho acadêmico sobre o tema no nosso país ⁶.

Estas pesquisas, no entanto, trafegaram preferencialmente pela vertente histórica, existindo uma lacuna considerável no tocante à pesquisa de enfoque

[“Do leste, do sul, do oeste, cruzando o mar, os trabalhadores chegavam [a Chicago] às centenas de milhares: ianques, rebeldes, alemães, irlandeses, boêmios, judeus, eslavos, polacos, russos, todos eles homens ansiosos que lutavam desesperadamente para colocar no estômago o alimento que lhes permitisse continuar vivendo. Parecia até que sempre existiram dois homens para cada vaga de trabalho.”]

⁵ O preço da assinatura anual (24 exemplares) de *Lusitania* para o Brasil, em 1932, era de 40\$000 (quarenta mil réis), o número avulso era vendido a 2\$000 e os atrasados a 3\$000. Segundo Angela de Castro Gomes, um bom par de sapatos masculinos custava cerca de 30\$000 em 1927 (1999: 58, nota 68).

⁶ Os estudos mais recentes sobre o tema desenvolvidos no Brasil gravitaram, na maioria dos casos, em torno dos aspectos históricos da imigração portuguesa. Contudo, deve-se ressaltar que apesar de acadêmicos (por terem sido produzidos como teses ou dissertações ou, ainda, representar o resultado de pesquisa desenvolvida no meio universitário) revelam uma preocupação no sentido de se tentar resgatar o cotidiano social de uma minoria quase que relegada ao esquecimento quando se fala de imigração no Brasil, já que a maior parte das obras publicadas até hoje se refere, preferencialmente, à imigração de origem italiana, japonesa ou alemã. A respeito da imigração portuguesa, veja-se: Gladys Sabina Ribeiro, *‘Cabras’ e ‘Pés-de-Chumbo’: os rolos do tempo, o antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930)* (Niterói: UFF, 1987 - Dissertação de Mestrado em História), *Mata galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha* (São Paulo: Brasiliense, 1990) e *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado* (Campinas: IFCH-UNICAMP, 1997 - Tese de Doutorado em História); Luiz Felipe de Alencastro, *“Proletários e escravos: imigrantes portugueses e cativos africanos no Rio de Janeiro (1850 - 1872)”* (Novos Estudos CEBRAP, n. 21, pp. 30-56, 1988 - resultado de pesquisa desenvolvida na UNICAMP); Maria Manuela Ramos de Sousa Silva, *Ambição e horror à farda ou a saga dos imigrantes portugueses no Brasil segundo a Gazeta Luzitana (1883/ 1889)* (3 vols., São Paulo: FFLCH-USP, 1991 - Tese de Doutorado em História Social); Maria Beatriz Nizza da Silva, *Filantropia e imigração: a Caixa de Socorros D. Pedro V* (Rio de Janeiro: Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V, 1990 - resultado de pesquisa desenvolvida na USP) e *Documentos para a história da imigração portuguesa no Brasil (1850 - 1938)* (Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-brasileiras/Nórdica, 1992 - resultado de pesquisa desenvolvida na USP); Vanessa Tavares Dias, *“O ideário imigrantista e a literatura de ficção: a imagem do imigrante português no Brasil”* (trabalho

sociológico. A nosso ver, o estudo da revista *Lusitania* pode fornecer subsídios vários para a construção de um melhor entendimento do que significava, do ponto de vista sócio-antropológico, *ser imigrante português* no Brasil das três primeiras décadas do século XX, e de como se articulavam, nesse sujeito, auto-imagem e práticas sociais.

Pierre Bourdieu afirma (1996 b:164) ser esse um dos papéis da sociologia, ou seja, erigir e estruturar uma “teoria geral da economia das práticas”. Mais ainda:

“[A tarefa da sociologia é] (...) revelar as mais profundas estruturas construídas pelos inúmeros mundos sociais que constituem o universo social, assim como os ‘mecanismos’ que tendem a assegurar sua reprodução ou transformação.”⁷
(Bourdieu & Wacquant, 1992: 07)

Desenvolvendo essa “postura sociológica”, Bourdieu deseja mostrar-nos que as ações e atitudes individuais e/ou coletivas dos seres humanos são determinadas por elementos que vão além da simples intenção objetiva, posto que são adquiridos inconscientemente, a partir do convívio social, e são por esse convívio determinados (Bourdieu, 1996 b: 170).

apresentado na III Jornada de Pesquisadores em Ciências Humanas da UFRJ, 1996) e *Memórias da casa: um estudo sobre mulheres imigrantes portuguesas no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 1997 - Dissertação de Mestrado em Sociologia); Ana Maria de Moura Nogueira, *Como nossos pais: uma história da memória - Imigração portuguesa em Niterói (1900/1950)* (Niterói: UFF, 1998 - Dissertação de Mestrado em História); Artur Nunes Gomes, “*Real Gabinete Português de Leitura e Arouca Barra Clube: a reconstrução da portugalidade no Rio de Janeiro*” (trabalho apresentado na III Jornada de Pesquisadores em Ciências Humanas da UFRJ, 1996) e *Sob o signo da ambigüidade: configurações identitárias no espaço português do Rio de Janeiro* (Campinas: IFCH-UNICAMP, 1998 - Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Há também um número especial da revista *Acervo*, publicada pelo Arquivo Nacional (vol. 10, nº 2, jul./dez. 1997), dedicado à imigração e que traz três artigos tratando especificamente da imigração portuguesa: “*Imigração portuguesa e movimento operário no Brasil: fontes e arquivos de Lisboa*”, de Fernando Teixeira da Silva, “*Portugueses no Brasil: imaginário social e táticas cotidianas (1880-1895)*”, de Maria Manuela R. de Sousa e Silva e “*Açorianos e madeirenses no sul do Brasil*”, de Walter F. Piazza. Mais recentemente, Angela de Castro Gomes organizou uma coletânea dedicada à imigração no Estado do Rio de Janeiro, *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000), onde dois capítulos tratam dos portugueses: “*Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos*”, escrito por Lená Medeiros de Menezes, e “*No ritmo da Banda: histórias da comunidade lusa da Ponta D’Areia*”, de Ana Maria de Moura Nogueira; Eulália M^a Lahmeyer Lobo publicou, também este ano, seu *Imigração Portuguesa no Brasil* (São Paulo: Hucitec, 2001).

⁷ O texto original:

“[The task of sociology is] (...) to uncover the most profoundly buried structures of the various social worlds which constitute the social universe, as well as the ‘mechanisms’ which tend to ensure their reproduction or their transformation.”

⁸ No nosso caso, esse *campo* estaria delimitado pelo universo da colônia portuguesa na cidade do Rio de Janeiro, durante as primeiras décadas do século XX.

"Campo", "habitus" e "capital"

Ora, as práticas sociais se dão dentro de um ambiente determinado, que Bourdieu denominou de "campo" e definiu como um espaço estruturado a partir de posições de poder (1983: 89) e trocas simbólicas que independem dos ocupantes dessas posições (1989: 07-08) ⁸.

Nesse sentido o *campo*, na visão de Bourdieu, é o palco em que se desenrolam as inúmeras relações que constituem a estrutura social. Ao dedicar-se ao estudo de *campos* específicos, no entanto, Bourdieu pôde constatar a existência de "leis genéricas", que se aplicam a quaisquer *campos*, sejam eles da esfera religiosa, intelectual, partidária, social, literária, acadêmica, artística ou política ⁹ (1983: 89-94).

Do mesmo modo, para que se tornem possíveis as relações sociais - ou, nos termos bourdieunianos, "se dê o jogo" - é preciso que haja um motivo, um "objeto de desejo" ¹⁰ que motive os indivíduos e os leve "a respeitar as regras" desse "campo":

"Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc." ¹¹ (Bourdieu, 1983: 89).

Mas o *habitus* não se resume ao conhecimento das "regras do jogo" apenas. Segundo Bourdieu, além de representar o "sistema das disposições socialmente constituídas" (1974: 191), ele é "produto da interiorização das estruturas objetivas" (1974: 201) do campo.

Assim, a utilização das categorias de *habitus* e *campo* na análise da colônia portuguesa no Rio de Janeiro - especialmente sua parte que se expressa através da revista *Lusitania* - permite-nos, seguindo a estrada aberta por Bourdieu, romper com o paradigma estruturalista sem incorrer na retomada de conceitos do individualismo metodológico, ao mesmo tempo em que nos coloca numa posição oposta à daquela visão reducionista que define o agente como mero suporte da estrutura social.

O objetivo de Bourdieu, ao construir a categoria de *habitus*, era evidenciar a criação, a atividade e a inventividade do agente, relacionando-as ao "conjunto de posses" socialmente incorporadas ao indivíduo, que ele definiria como *capital* (Bourdieu, 1989: 61).

Além disso, ao entender que o *habitus* funciona como um conjunto de estruturas "que determinam a ação individual (...) sem a referência 'necessária' às crenças ou o conhecimento dessas especificidades por parte dos indivíduos(...)"

⁹ Ou, no que se refere ao nosso objeto, étnica.

¹⁰ Cremos ser a necessidade de manter o sentimento de unidade étnica (o "ser português") esse objeto de desejo, no caso dos leitores de *Lusitania*.

¹¹ Grifo do autor.

(Loesberg, 1993: 1038)¹² que fazem parte dessas grandes estruturas (lingüísticas, políticas, sociais, religiosas, etc.), o pensamento bourdieuiano rompe com uma visão unívoca das sociedades, tão comum nos estudos formalistas. Por isso mesmo, o próprio Bourdieu afirma:

*"(...) o habitus [é o] sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinados objetivos e de uma determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas."*¹³ (Bourdieu, 1974: 201-202)

Já em relação ao conjunto de posses que vai constituir o *capital*, é o universo social que vai delimitar, juntamente com as relações de poder, a estrutura desse *capital* e definir seu valor intrínseco, mesmo que este valor seja determinado por grupos que são externos ao *campo* em questão. No universo expresso em *Lusitania*, o *capital* considerado como válido é o mesmo pertencente à classe média carioca, acrescido, contudo, de valores trazidos da Mãe Pátria portuguesa.

Em síntese, o *habitus* gera a ação, mas não obedece a regras objetivamente definidas, nem tampouco pode ser "adquirido" (do mesmo modo que o *capital*) por qualquer indivíduo, a seu bel-prazer, em qualquer momento. Seu possuidor, no entanto, só desempenha com desenvoltura seu papel nas relações sócio-simbólicas por ser um dos "jogadores" que conhece as "regras-habitus" do *campo*. E essas regras, em se tratando da colônia portuguesa carioca, a nosso ver estão estampadas nas 118 edições de *Lusitania*¹⁴, onde eram constantemente reafirmadas por seus articulistas.

Linguagem e poder simbólico

Para Bourdieu as relações sociais podem ser vistas como interações simbólicas, mas as trocas lingüísticas, especialmente, "são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores e seus respectivos grupos" (1996 a: 23-24).

Nesse sentido, as atitudes e o próprio discurso tem um sentido prático, carregado de eufemismos, mas não totalmente consciente. Em geral, a fala e a

¹² Literalmente, Loesberg sustenta:

"Bourdieu's definition of the habitus (...) proposes structures that determine individual action, thus allowing the political analysis of language, works of art, and cultural institutions without necessary reference to the beliefs or awareness of specific individuals caught up in those longer structures." (Loesberg, 1993: 1038)

¹³ Grifo do autor.

¹⁴ A coleção completa de *Lusitania*, englobando as edições do n° 1 ao n° 118 (fev./1929 - dez./1934), encontra-se disponível para consulta na seção de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e também na coleção do Real Gabinete Português de Leitura, na mesma cidade. O material que utilizei como base para este artigo é constituído por uma coleção de onze edições impressas (n° 75 ao n° 85 - março a agosto de 1932) e cinco bobinas de microfilme com os 118 números que foram lançados pela C. Cruz e Cia. Ltda., que fazem parte de meu acervo particular.

ação são atos condicionados por inúmeros elementos independentes entre si, dos quais se destacam o *habitus* lingüístico e a estrutura do *mercado* lingüístico.

Ao estudar as relações entre linguagem e poder simbólico, Bourdieu se preocupa em demonstrar - como o denuncia o título original ¹⁵ de um dos livros em que se dedica a essa empreitada - "o que falar quer dizer". Para tanto, ele vai afirmar, entre outras coisas, que qualquer palavra só tem sentido social quando inserida num discurso ou numa conjuntura lingüística. O detalhe, nesse caso, é que o sentido do discurso, assim como seu valor simbólico, é moldado pelo *mercado lingüístico*. Portanto, um dos meios seguros para que possamos compreender melhor o *ser imigrante português* no Rio de Janeiro é, antes de tudo, adentrar e esmiuçar o *mercado lingüístico* presente nas páginas de *Lusitania*.

Efetivamente, a tentativa de compreensão das implicações e efeitos simbólicos da linguagem deve, *a priori*, considerá-la como "o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são ilimitadas" (Bourdieu, 1996 a: 28). Por isso mesmo, a integração dos indivíduos numa mesma "comunidade lingüística" se torna a condição primordial para que se estabeleçam as relações de dominação simbólico-lingüística.

No entanto, a construção do *habitus* lingüístico se dá através de aspectos dos mais insignificantes, inconscientes e dissociados da linguagem em si, e diretamente relacionados à prática comum e cotidiana - e é essa prática que está estampada nas páginas de *Lusitania*.

Segundo Bourdieu, é através do domínio do *habitus* lingüístico que se dá, de fato, o uso de um sistema simbólico determinado a fim de ter e manter o poder político. Os confrontos entre "falares" distintos vão além daqueles definidos pela lingüística, e se traduzem em usos sociais da língua que definem o seu próprio valor através da reprodução da estrutura social no universo simbólico, justamente por que o domínio do "falar a língua legítima" depende diretamente do patrimônio social e reproduz as distinções sociais existentes de fato, reforçando-as. Nesse sentido, ler as páginas de *Lusitania* pode nos trazer, também, o conhecimento das estruturas de poder que se construíam dentro da própria colônia portuguesa e, por extensão, nas relações dos imigrantes com a sociedade carioca.

Bourdieu quer que fique claro um detalhe apenas: o uso que se faz da língua depende diretamente da "distribuição" do *capital* lingüístico e, por conseguinte, do acesso à aquisição desse *capital* (através do sistema escolar, por exemplo) e, portanto, da própria estrutura de classes e suas relações inter-estamentais (Bourdieu, 1996 a: 52). Em síntese:

"A dominação simbólica (...) apóia-se no desconhecimento, portanto, no reconhecimento, dos princípios em nome dos quais ela se exerce." (Bourdieu, 1996 b: 174)

Assim, as produções simbólicas originadas pelas classes dominantes tornam-se um instrumento de dominação ideológica, posto que a cultura dominante dissimula a divisão de classes através da "comunicação" entre as culturas subalternas, passando a avaliá-las e defini-las de acordo com a sua distância em relação à cultura dominante (Bourdieu, 1989: 11). Isso quer dizer que a imposição ideológica através dos sistemas simbólicos se dá de um modo

não perceptível, em que o *capital simbólico* do grupo é classificado segundo os parâmetros do discurso e da ideologia dominantes, seja ela de ordem filosófica, moral, econômica, jurídica, religiosa ou étnica.

Segundo Bourdieu, a existência dos sistemas simbólicos está subordinada à estrutura do campo em que eles são produzidos e reproduzidos. O que agrava essa "existência" é o fato de que através dela se efetiva uma violência simbólica "que extorque submissões que sequer são percebidas como tais, apoiando-se em 'expectativas coletivas', em crenças socialmente inculcadas" (Bourdieu, 1996 b: 177).

O que vai denotar essa "violência simbólica" de modo mais perceptível? Na perspectiva de Bourdieu, a classificação que se faz de tudo, tendo como parâmetro um elemento ou uma convenção externa àquilo que se classifica:

"Na existência ordinária, praticamente só se fala daquilo que é, para dizer, por acréscimo, que é conforme ou contrário à natureza das coisas, normal ou anormal, admitido ou excluído, bendito ou maldito. Os substantivos são combinados a adjetivos tácitos, os verbos, a advérbios silenciosos, que tendem a consagrar ou a condenar, a instituir como digno de existência e de perseverar no ser, ou, ao contrário, a destituir, a degradar, a desacreditar." (Bourdieu, 1994: 16-17)

O poder simbólico que se cristaliza através dos usos da linguagem, portanto, serve para corroborar outras formas de poder. Ele é "uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada" (Bourdieu, 1989: 15), e por isso sub-reptícia, desses outros poderes, e só pode ser exercido e reproduzido na medida em que existe um "desconhecimento dos fundamentos verdadeiros da dominação" (Bourdieu, 1994: 20).

Desse modo, podemos afirmar que o *poder de editar* uma revista é, em si mesmo, um ato de força dentro de jogo de poderes, fora do qual *ele* se torna não compreensível. *Lusitania* não pode ser vista como uma *revista-mercadoria*, publicada para que seus editores/ diretores possam auferir lucros como empresários da imprensa: ela é, na verdade, uma *revista-fala*, uma *revista-discurso* que, por isso mesmo, deve ser lida e analisada sob um enfoque que pretenda ir para muito além de suas páginas.

Assim, cabe-nos perguntar: quais eram as *formas de poder* que se cristalizavam através dos discursos presentes nas páginas de *Lusitania*? Qual era a imagem do *ser português* que a revista queria construir?¹⁶ Como a própria linguagem da colônia portuguesa no Rio de Janeiro do entre-guerras vai se reelaborando em função e como expressão das relações de poder que ali

¹⁵ Trata-se de *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques* (Paris: Librarie Arthème Fayard, 1982), publicado no Brasil como *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer* (São Paulo: Edusp, 1996).

¹⁶ A partir da última década do século XIX e durante toda a Primeira República se tornou comum, no Rio de Janeiro, um sentimento de antilusitanismo, especialmente pelo fato de os trabalhadores de origem portuguesa dominarem o mercado de trabalho no setor comercial e em várias atividades ligadas à manufatura e às atividades artesanais, ao mesmo tempo que ocorria um "inchaço" populacional na cidade e as taxas de desemprego aumentavam (Ribeiro, 1987).

existiam?

Ano IV — Rio de Janeiro, 1^o de Março de 1932 — N. 75Fig. 2 - Box do expediente do nº 75 de *Lusitania* (1º/mar./1932).

Como Ler *Lusitania*?

"*Revista Ilustrada de Aproximação Luso-Brasileira e de Propaganda de Portugal*": era esse o dístico estampado logo abaixo da logomarca de *Lusitania*, no box do expediente, usualmente publicado no topo da terceira página da revista. Definição concisa e de uma precisão solene e pomposa para o periódico mas, também, que insinua uma série de possibilidades do *como ler* suas páginas. Na verdade, qual o sentido de se publicar uma "revista de propaganda" portuguesa - que traz sob sua logomarca os dísticos "*Pela Grandeza da Pátria, Pela Eternidade da Raça*"¹⁷ - na cidade do Rio de Janeiro?

A primeira impressão que temos, ao folhear suas edições, é que a comunidade luso-carioca tinha um forte sentimento de identidade¹⁸, intrinsecamente ligado às tradições orais, folclóricas e culturais de Portugal. Fala-se da História portuguesa, da literatura portuguesa, da arte portuguesa, dos intelectuais portugueses, das paisagens e províncias portuguesas...

Mas qual a relação que isso tudo teria com a análise da colônia luso-carioca através da leitura que pretendemos fazer das páginas de *Lusitania*?

Os leitores de 'Lusitania' como grupo social

Um dos grandes problemas enfrentados pela sociedade contemporânea é o afloramento de conflitos regionais motivados pela diversidade étnico-cultural. Enfrentamentos bélicos como os da Bósnia, da Iugoslávia, de Kosovo e da Chechênia são somente as pontas flutuantes de um *iceberg* que se manteve submerso durante muito tempo graças às forças do embate ideológico da Guerra Fria. Com o fim da polaridade "*Oeste Capitalista*" X "*Leste Socialista*" caiu de nossos olhos a venda que encobria o turbilhão de nacionalidades que desde o fim dos anos 80 vem sacudindo a Europa.

Diferenças culturais, religiosas ou étnicas sempre foram motivo para conflito. Essa é uma constatação histórica muito fácil de ser alcançada. Sob um olhar sociológico, no entanto, a diversidade que ocasiona o conflito adquire

¹⁷ Expressão que figurava em letras mínimas no box do expediente de *Lusitania*, como se pode ver na fig. 2.

¹⁸ Ou, talvez, sentia-se ameaçada nesta identidade, a qual tornava-se preciso consolidar e definir concretamente, mesmo que através das páginas de uma revista.

novos contornos. Para o sociólogo não basta registrar, analisar e discutir o fato que serviu de estopim para determinado conflito. Essa é a tarefa do historiador, à que se soma a do sociólogo que, nutrido de elementos e interpretações históricas, anseia por ir além, buscar outras respostas.

Nesta interdisciplinaridade novas perguntas se entrecruzam: o que causa a diversidade? Até que ponto um indivíduo ou um grupo constrói sua identidade, de maneira que sua convivência com outros indivíduos ou grupos se torne extremamente delimitada e regida por certos parâmetros e comportamentos socialmente definidos? De que modo um grupo minoritário consegue se manter coeso e distinto em meio a uma sociedade que tende a assimilá-lo e absorvê-lo? Onde está o interesse em fazê-lo? Até que ponto se conseguiu fazê-lo? Quais são os mecanismos de sobrevivência que as minorias constroem? Até que ponto suas "estratégias de conservação" são eficazes? Seria preciso construir um conceito que dê conta da ambigüidade existente entre integração/ conservação *versus* segregação?

Todas essas questões são aplicáveis não apenas aos fatos que presenciemos neste limiar do século XXI. São perguntas cabíveis também no que diz respeito a vários grupos minoritários que se constituíram no decorrer da História do Brasil.

Esses questionamentos sócio-antropológicos são extremamente férteis - se somados ao enfoque histórico - quando se discute a imigração européia para o Brasil a partir do século XIX. No caso dos leitores de *Lusitania*, portanto, o que se pode buscar é tentar elucidar os determinantes sociológicos de seu agrupamento em torno de uma publicação tão refinada e de objetivos editoriais tão bem definidos. Qual a necessidade de se editar uma "*Revista Ilustrada de Aproximação Luso-Brasileira e de Propaganda de Portugal*" na capital federal de uma república tropical que mal começara a dar seus primeiros passos? Como isso expressa o estado de uma luta de poderes dentro da própria colônia luso-carioca?

Poderíamos considerar *Lusitania* apenas como uma reação dos imigrantes ao antilusitanismo que se exacerbava no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX (Chalhoub, 1986: 36; Ribeiro, 1987). Tal raciocínio, no entanto, não seria por demais simplório? Não existiriam outros valores a motivar a existência de *Lusitania* e sua sobrevivência por longos quase seis anos, num mercado editorial marcado pela efemeridade dos empreendimentos editoriais (Gomes, 1999) ?

Mais ainda: seria possível a existência de pontos de aproximação, para além de sua dinâmica interna, entre o grupo social que elegeu *Lusitania* como sua porta-voz e os grupos minoritários contemporâneos que, por motivações semelhantes (ser imigrante) ou de outro cunho, entram ou não em conflito aberto com a sociedade em que estão inseridos?

Mesmo se falando de uma perspectiva restrita às fronteiras brasileiras, seria possível perceber "estratégias de conservação" comuns aos imigrantes leitores da *Lusitania* do início do século e às *tribos urbanas* contemporâneas formadas por *rappers*, *clubbers*, *skaters*, *grunges* e tantos outros rótulos sociais? O que dizer, então, dos *dekassequi*, brasileiros descendentes de imigrantes japoneses que hoje fazem o caminho inverso de seus ancestrais?

Em outras palavras, o que fazia dos leitores de *Lusitania* um grupo socialmente delimitado?

O elogio ao 'bom empreendedor'

Bronco, ignorante, "pé-de-chumbo"¹⁹: era essa a imagem estereotipada que se tinha do imigrante lusitano no Rio de Janeiro da Primeira República (Chalhoub, 1986: 36; Ribeiro, 1987), fosse ele um trabalhador do cais do porto, um operário da construção civil (ocupações predominantes entre os imigrantes de baixa renda) ou um próspero comerciante (exceção que aos poucos foi se tornando comum). Imagem que se arraigou de modo tão profundo no imaginário popular que até hoje continuamos a ouvir as indefectíveis "piadas de português" por onde quer que circulemos.

No entanto, não era esse o tipo de representação presente nas páginas de *Lusitania*. O que vemos ali é o *elogio ao bom empreendedor*: comunicados sobre inaugurações de firmas e/ou suas filiais, bem sucedidos negócios encabeçados por patrícios lusos. O *layout* era quase sempre o mesmo, com o nome do estabelecimento em letras destacadas, uma foto do evento seguida de breve legenda e um ou dois parágrafos dando maiores informações sobre o fato:



Fig. 3 - [legenda:] "O sr. Ovídio Reis, em companhia de sua esposa e vários convidados, na inauguração do Armazem e Bar Elite."

"Armazem e Bar Elite"

Realizou-se, há dias, a inauguração deste estabelecimento, á rua Lopes Trovão, 54, em Icaraí, Niterói, de propriedade do nosso compatriota Sr. Ovídio Reis, a quem muito deve aquêlê bairro

¹⁹ Segundo o *Dicionário Aurélio eletrônico - século XXI* (Ferreira, 1999) o termo "pé-de-chumbo" era utilizado para definir um "indivíduo grosseiro; (...) pessoa que não progride na vida, apesar de tudo lhe ser favorável; zé-ninguém". Era apenas uma das alcunhas dadas pelos brasileiros do início do século aos imigrantes portugueses, à qual se somavam várias outras, extremamente depreciativas e jocosas: "abacaxi", "bicudo", "candango",

elegante da vizinha cidade.

Ao acto inaugural estiveram presentes vários convidados, aos quais foi oferecido dâces, chopps e vinho do Porto. O nosso companheiro Barros Junior saudou o arrojado e honesto comerciante, pondo em relêvo a sua crescente actividade em prôl do progresso do lindo bairro niteroiense, onde já possui o maior armazem, á rua Avoares de Azevedo, 55, denominado 'Armazem União'."²⁰ (Lusitania, nº 75, 01/mar./1932, p. 11)

"Café-Bar Jorge V

Á rua Primeiro de Março n.º 26, esquina de Ouvidor, inaugurou-se, há dias, um novo estabelecimento denominado CAFÉ E BAR JORGE V, de propriedade da firma Martins Leal & Cia.

Á nova casa acorreram muitos convidados, a quem foi servido chopps, sandwichts, doces e vinhos generosos, tendo sido levantados vários brindes em honra de seus proprietários que não medindo sacrificios conseguiram dotar aquela artéria da cidade com uma casa modelar onde impéram a arte, higiene, gosto e confôrto.



Figs. 4 e 5 - [legenda:] "Em nossas gravuras vêem-se as salas do bar e do café do novo estabelecimento e parte da distinta e vultosa assistência que concorreu á inauguração."

A simplicidade das suas paredes aliada aos lindos azulejos, são de uma nota alegre, que anexa á gentileza dos sócios da firma captivam os seus frequentadores.

A LUSITANIA, sempre pronta a dignificar a acção daqueles que trabalham honestamente, sente-se satisfeita em noticiar o que é a obras dos Srs. José Martins Leal e Emílio Martins, cujo esfôrço e tenacidade apontamos como um exemplo.

Aos benquistos comerciantes os nossos efusivos parabens."²¹ (Lusitania, nº 77, 1º/abr./1932, p.26)

"caneludo", "chumbinho", "cotruco", "cupé", "cutruca", "galego", "jaleco", "labrego", "marabuto", "marinheiro", "maroto", "marreta", "mascate", "matruco", "mondrong", "novato", "parrudo", "portuga", "puça", "sapatão", "talaveira".

²⁰ Grifos meus.

²¹ Grifos meus.

A preocupação com a dignificação do trabalho e da honestidade existente entre os membros da colônia e, por extensão, a divulgação dessas qualidades será a tônica na grande maioria das matérias de *Lusitania*. Mesmo quando o objetivo parece ser apenas o registro de uma data de aniversário, transparece esse cuidado por parte dos redatores:



Fig. 6 - Foto do imigrante português Sabino Theodoro, constante frequentador das páginas sociais de *Lusitania*.

“Dr. Sabino Theodoro

Passa no dia 21 do corrente o aniversário natalício do nosso ilustre patricio Dr. Sabino Theodoro, director da Escola de Medicina e Cirurgia e do Hospital Hahnemanniano, figura de alto relêvo na nossa colônia e na sociedade carioca, onde desfruta lugar proeminente.”²² (*Lusitania*, nº 76, 16/mar./1932, p.2)

A ‘Lusitania’ como espaço de convivência social e política

Outros tipos de efemérides e eventos também eram registrados nas páginas de *Lusitania*, tal como aniversários de *juvencas casadoiras* e *enlaces matrimoniais*:



Fig. 7 - Foto da jovem brasileira Virgínia Soares Nunes, filha de destacado comerciante português da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.

“Virgínia Soares Nunes, filha do nosso patricio António Soares Nunes, chefe da firma Nunes, Martins & Cia., e cujo aniversário natalício passou a 23 de Março.” (*Lusitania*, nº 77, 01/abr./1932, p.2)

“EM NITERÓI - Realizou-se o casamento do Sr. José de Sousa com a Srta. Feliciano Alves Cruz, que se vêem na presente gravura.” (*Lusitania*, nº 80, 16/mai./1932, p. 2)

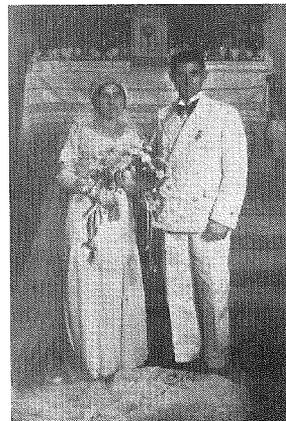


Fig. 8 - Foto do casamento de José e Feliciano de Sousa, imigrantes portugueses residentes em Niterói.

²² Grifos meus.

Mas a convivência da colônia não se fazia só em inaugurações comerciais, aniversários - de *figuras de alto relevo* ou *jovens casadoiras* - e casamentos. Inúmeros outros tipos de celebrações eram registrados nas páginas elegantemente diagramadas de *Lusitania*. Bailes de Carnaval, eleições para a "Rainha da Colônia", jogos de futebol, disputas de atletismo e remo, competições de natação, festas religiosas, comemorações escolares, representações teatrais e palestras acadêmicas eram profusamente retratados em fotografias anônimas, assim como comemorações semelhantes àquelas dos luso-cariocas, realizadas nas colônias portuguesas espalhadas pelo Brasil e pelo Mundo, e as tradições folclóricas de Portugal.

Algumas seções eram fixas, aparecendo em todos os números ou se revezando nas edições quinzenais: "O Sport no Rio"; "O Sport em Portugal"; "Pelo Mundo"; "Mundanismo"; "Terras do Brasil"; "Nas Sociedades Recreativas"; "Tem Graça e Não Ofende"; "Escritores de Hoje"; "Imagens de Portugal"; "Monumentos de Portugal"; "Contos da História de Portugal"; "Datas Históricas"; "Teatro Português no Brasil"; "O que a Lusitania viu em Lisboa"; "Portugal no Estrangeiro"; "Terras da Nossa Terra"; "O Império Colonial Português".

Também o aspecto político estava presente nas páginas da revista. Comunicava-se as ações do governo republicano de Portugal - quase sempre com um tom ácido - e se exaltava os ideais monárquicos ligando-os às tradições mais significativas da Nação Lusa:



Fig. 9 - Escola Primária de S. Pedro das Aradas, Portugal, 1932.

"[legenda:] Escola Primária de S. Pedro das Aradas, há pouco inaugurada. É obra da Ditadura e da Comissão Administrativa da Junta Militar daquela progressiva freguesia que tem na sua presidência o incansável lutador e semeador do bem, António Lopes dos Santos, sargento-ajudante de Infantaria 19, de Aveiro - (Foto Tavares)" ²³ (*Lusitania*, nº 81, 01/jun./1932, p. 31)

²³ Grifos meus.

"D. Manuel de Bragança

A morte de D. Manuel de Bragança, ex-Rei de Portugal, ocorrida súbitamente na Inglaterra, produziu grande pesar no nosso país e no seio da colônia portuguesa desta capital e dos Estados.

[...] Vivendo fóra da Pátria, longe do cenário político em que republicanos e monarquistas por vezes contendiam, não alimentava á sua volta nenhuma agitação partidária nem exercia, no alto e vastíssimo círculo das suas relações, influência contrária á consecução dos problemas políticos que a República defendia nos conclave internacionais. Antes os auxiliava, como dissemos - esquecido, nessas horas, de que era um Rei destronado, para se lembrar de que, acima de tudo, era um português, a quem competia zelar pelo bem da Pátria.

[...] Curvemo-nos todos, portanto, deante da fatalidade, e choremos a sua morte, a morte do último Rei de Portugal, a morte de um patriota devotado e sincero. Os homens não valem pelos partidos a que pertencem: valem pelos seus actos, pelo character, pela inteligência e pela cultura!" (Lusitania, nº 84, 16/jul./1932, p.3)

Declaração sintomática das simpatias nutridas por seus editores, o pesar pela morte do último herdeiro do trono português marca o fim da possibilidade de um retorno à monarquia. Especialmente nos números imediatamente posteriores ao falecimento de D. Manuel²⁴ fica mais clara a antipatia da revista para com a República.

Mas *Lusitania* ainda continuaria a circular por mais dois anos e meio. Seu último número, o 118, foi editado em dezembro de 1934. Nos seus quase seis anos de vida²⁵ a revista consolidou uma linguagem e um imaginário próprios da *classe dirigente* da colônia, e é esse o universo em que queremos mergulhar, aproximando-nos de uma melhor compreensão do que significa *ser diferente*, do que é *ser estrangeiro*, do que representa *ser imigrante português* no Brasil dos anos 20 e 30, de quais são os mecanismos utilizados para a construção de uma *identidade portuguesa* no Brasil, desde o início da República até hoje e, também, do que representou essa *contradição de classe* interna à colônia portuguesa no Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas e de Consulta

ALVIM, Zuleika. *Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo*. In: NOVAIS, Fernando A. (cord.); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 215-287.

BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Editions de Minuit, 1980.

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992 [1974].

²⁴ nºs 84, 16/jul./1932, e 85, 1ª/ago./1932.

²⁵ fev./1929 a dez./1934.

- _____. Lições da aula. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996 a.
- _____. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996 b.
- BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Lóic J. *An invitation to reflexive sociology*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1992.
- CHALHOUB, Sydney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. *Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity, and nationalism among Portuguese immigrants*. In: GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. (ed.). *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. New York: New York Academy of Sciences, 1992, pp. 145-174.
- FELDMAN-BIANCO, Bela & HUSE, D. *A saudade da terra na América: memória cultural e experiências de imigrantes portuguesas na intersecção de culturas*. In: COSTA, M. C. Solheid da; PINTO, M. Teixeira (orgs.). *Encontros de Antropologia*. Volume I. Curitiba: Universidade Federal do Paraná/ Serviço Social do Comércio, 1993, pp. 45-62.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda (ed.). *Dicionário Aurélio eletrônico - século XXI*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Lexicon Informática, 1999.
- GARCÉS, Mario & MILOS, Pedro. *Los sucesos de Chicago y el 1º de mayo en Chile*. 3ª ed. Santiago de Chile: ECO, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978 [1973].
- GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Anuário estatístico do Brasil*. Brasília: IBGE, 1995.
- _____. *Anuário estatístico do Brasil*. Brasília: IBGE, 1996.
- LOBO, Eulalia Mª Lahmeyer. *Portugueses en Brasil en el siglo XX*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1994.
- _____. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- LOESBERG, Jonathan. *Bourdieu and the Sociology of Aesthetics*. *English Literary History*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, vol. 60, n. 4, 1993, pp. 1033-1056.
- MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 131-214.
- PEREIRA, Mirian Halpern. *Política portuguesa de emigração (1850 a 1930)*. Lisboa/ Porto: A Regra do Jogo, 1981.
- _____. *A política de emigração portuguesa (1850-1930)*. In: TENGARRINHA, José (org.). *A historiografia portuguesa, hoje*. São Paulo: Hucitec/ Instituto Camões, 1999, pp. 183-208.
- PETRONE, Maria Tereza Schorer. *Imigração*. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira - tomo III: o Brasil republicano - 2º volume: sociedade e instituições (1889 - 1930)*. 3ª ed. São Paulo: Difel, 1985, pp. 93-133.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Gladys Sabina. 'Cabras' e 'Pés-de-Chumbo': os rolos do tempo, o antilusitanismo na Cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1987 (Dissertação de Mestrado em História).

_____. *Mata galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Col. "Tudo é História", vol. 129).

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 10ª ed. Lisboa: Europa-América, 1986 [1978].

SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil - volume 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 513-619.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Filantropia e imigração: a Caixa de Socorros D. Pedro V*. Rio de Janeiro: Sociedade Portuguesa Caixa de Socorros D. Pedro V, 1990.

_____. *Documentos para a história da imigração portuguesa no Brasil (1850 - 1938)*. Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-brasileiras/Nórdica, 1992.

SILVA, Maria Manuela Ramos de Sousa. *Ambição e horror à farda ou a saga dos imigrantes portugueses no Brasil segundo a Gazeta Luzitana (1883/ 1889)*. 3 vols. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 1991 (Tese de doutorado em História Social).

SIMÕES, Nuno. *O Brasil e a emigração portuguesa: notas para um estudo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934.

SOWELL, Thomas. *Migrations and cultures: a world view*. New York: Basic Books, 1996.

Revistas Consultadas

Lusitania - Revista ilustrada de aproximação luso-brasileira e de propaganda de Portugal. Rio de Janeiro, C. Cruz e Cia Ltda, 1929/1934.

Careta. Rio de Janeiro, Números: 573 (14/06/1919); 724 (06/05/1922); 816 (09/02/1924); 951 (11/09/1926); 964 (11/12/1926); 969 (15/01/1927).

Anexos

Tabela I: Evolução da População Portuguesa na Cidade do Rio de Janeiro (1890/1920)

Ano	População Brasileira	População Total da Cidade do Rio de Janeiro	Portugueses na Cidade do Rio de Janeiro	% dos Portugueses Sobre População do Rio de Janeiro	Estrangeiros na Cidade do Rio de Janeiro	% dos Portugueses Sobre Estrangeiros no Rio de Janeiro
1890	14.333.915 ^A	522.651 ^E	106.461 ^E	20,37 %	155.202 ^E	68,60 %
1906	17.438.434 ^A	811.443 ^B	133.393 ^B	16,44 %	210.515 ^B	63,36 %
1920	30.635.605 ^A	1.157.873 ^C	172.338 ^D	14,88 %	239.129 ^E	72,07 %

FONTES: A - *Anuário estatístico do Brasil* (IBGE, 1996); B - Chalhoub(1986: 24-26); C - *Anuário estatístico do Brasil* (IBGE, 1995); D - Pereira (1981: 253); E - Lobo (2001: 46).

Tabela II: População Portuguesa no Brasil (1920)

ESTADO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Distrito Federal *	117.604	54.734	172.338
São Paulo	101.915	65.283	167.198
Rio de Janeiro **	21.398	7.263	28.661
Minas Gerais	13.412	4.816	18.228
Pará	11.257	2.954	14.211
Rio Grande do Sul	7.249	2.075	9.324
Amazonas	5.726	1.889	7.615
Pernambuco	3.757	1.052	4.809
Bahia	2.602	743	3.345
Paraná	1.402	406	1.808
Espírito Santo	1.323	405	1.728
Mato Grosso	1.096	214	1.310
Território do Acre	544	87	631
Maranhão	544	81	625
Santa Catarina	413	93	506
Goiás	227	77	304
Ceará	230	66	296
Alagoas	181	56	237
Paraíba	106	25	131
Sergipe	95	30	125
Rio Grande do Norte	64	17	81
Piauí	53	13	66
TOTAL	291.198	142.379	433.577

LEGENDA: * - Cidade do Rio de Janeiro; ** - Estado do Rio de Janeiro.

FONTE: Pereira (1981: 253).

Tabela III: Entrada de Imigrantes no Brasil (1890/1929)

PERÍODOS	PORTUGUESES	ITALIANOS	ESPAÑHÓIS	OUTROS	TOTAIS
1890-1899	216.474	690.375	164.193	134.661	1.205.703
1900-1909	195.796	221.394	121.604	111.104	649.898
1910-1919	316.481	137.868	181.657	185.516	821.522
1920-1929	301.915	106.835	83.931	353.841	846.522
TOTAIS	1.030.666	1.156.472	551.385	785.122	3.523.645

FONTE: Petrone (1985: 100-101).

Tabela IV: Distribuição dos Contingentes Imigratórios por Períodos de Entrada no Brasil (1851/ 1960)

PERÍODOS	PORTUGUESES	ITALIANOS	ESPAÑHÓIS	JAPONESSES	ALEMÃES	TOTAIS
1851-1885	237	128	17	-	59	441
1886-1900	278	911	187	-	23	1.398
1901-1915	462	323	258	14	39	1.096
1916-1930	365	128	118	85	81	777
1931-1945	105	19	10	88	25	247
1946-1960	285	110	104	42	23	564
TOTAIS	1.732	1.619	694	229	250	4.523

OBS.: valores em milhares.

FONTE: Ribeiro (1996: 242).

Tabela V: População Total do Brasil (1872/ 1920)

ANOS	HOMENS	MULHERES	POP. TOTAL
1872 *	5.123.869	4.806.609	9.930.478
1890	7.237.932	7.095.983	14.333.915
1906	8.900.526	8.537.908	17.438.434
1920	15.443.818	15.191.787	30.635.605

OBS.: * - os resultados não incluem 181.583 habitantes, estimados para 32 paróquias, nas quais não foi feito o recenseamento na data determinada.

FONTE: *Anuário estatístico do Brasil* (1996).

RESUMO

SAUDADES D'ALÉM MAR:
CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES
SOBRE A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA
NO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DA
REVISTA LUSITANIA (1929/1934)

A revista *Lusitania*, publicada no Rio de Janeiro entre 1929 e 1934, retrata o ideário da colônia portuguesa no maior centro urbano brasileiro à época. Ler e analisar suas páginas significa, de imediato, travar contato com o universo de signos e significados que contribuíram para a construção do "ser imigrante português" no Rio de Janeiro dos anos 20 e 30 do século XX. Cremos que este fenômeno, a *constituição de uma identidade coletiva específica*, encontra nesta revista feita *pela e para* a classe média da colônia lusocarioca sua fonte privilegiada.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro; Imigração Portuguesa; Imprensa Imigran-
tista; Anos 20 e 30; Século XX; Brasil.

ABSTRACT

'SAUDADES' OF OVERSEAS:
PRELIMINARY CONSIDERATIONS
ABOUT THE PORTUGUESE
IMMIGRATION IN RIO DE JANEIRO
THROUGH THE MAGAZINE
LUSITANIA (1929/1934)

Published in Rio de Janeiro between 1929 and 1934, the magazine *Lusitania* displays the social ideas of the Portuguese colony in the biggest Brazilian urban center in those years. Reading and analysing its pages leads us at once into the universe of signs and meanings of "being a Portuguese immigrant" in Rio de Janeiro in the 20's and 30's in the twentieth century. We believe that this phenomenon, the *constitution of a specific collective identity*, has in this magazine *done by and for* the middle class of the Portuguese-Brazilian colony in Rio de Janeiro a privileged source.

KEYWORDS: Rio de Janeiro; Portuguese Immigration; Immigrant Press; 20's and 30's; Twentieth Century; Brazil.